

DIÁLOGOS BRASIL-FRANÇA-CANADÁ SOBRE PAZ E MEIOAMBIENTE

Raimundo Nonato Júnior

Kelma Socorro Alves Lopes de Matos

Introdução

O presente artigo relata resultados de pesquisa realizada a partir de observação e intervenção na “Jornada Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento”, ocorrida em meados de novembro de 2011, na capital da França. As atividades observadas aconteceram na Cidade Universitária de Paris, onde painéis sobre diálogos internacionais acerca da temática da paz e de suas relações com o meio ambiente foram expostos e debatidos por estudantes universitários de diferentes países.

Para a realização da pesquisa, acompanhamos especificamente as atividades apresentadas nos painéis de Brasil, França e Canadá, cuja escolha decorreu tanto pela similaridade das temáticas propostas como pela diversidade de óticas culturais e geográficas das experiências. Os painéis em análise foram promovidos por grupos formados por cinco integrantes que expunham sobre suas percepções acerca do debate entre paz e meio ambiente a partir da realidade de sua nação de origem.

Nesta perspectiva, o presente artigo objetiva “Discutir as relações entre paz e meio ambiente a partir de diálogos entre Brasil, França e Canadá; analisando atividades do Dia Mundial pela paz e pelo desenvolvimento”. Para tanto, trilhamos uma metodologia de pesquisa que realizou investigação bibliográfica temática, observação das exposições *in loco*, en-

trevista com um membro de cada país e análise transversal de conteúdo. Logo, o percurso metodológico foi traçado a partir de abordagem qualitativa, primando pela significação, contextualização e análise crítica dos dados (MATOS; VIEIRA, 2002).

Os países em estudo apresentam três perfis interessantes e diferenciados no cenário internacional sobre paz e meio ambiente. O Brasil é uma das principais nações em crescimento econômico mundial dentre os países do Cone Sul, possuindo também uma das mais expressivas reservas ambientais de floresta ainda conservada, todavia enfrentando problemas relativos à gestão de recursos e ao uso socioambiental. O Canadá, segundo maior país do mundo, é uma nação de desenvolvimento recente, porém com imensas reservas glaciais e interessantes inovações em processos de gestão ambiental que enfrentam o atual desafio de articulação internacional. A França, enfim, é uma das tradicionais nações de liderança científica na área ambiental, com ampla produção científica, bons modelos de gestão e diversos desafios contemporâneos para conciliação entre desenvolvimento e meio ambiente. Os três países possuem boas relações diplomáticas e ampla cooperação acadêmicas na área ambiental, com veículos de publicação comuns e redes de circulação de conhecimentos (FRANÇA-FLASH, 2012, BRASIL INFO-TEC, 2012; CONFINS, 2012; INTERFACES BRASIL-CANADA, 2012; ETUDES CANADIENNES, 2012).

Ciência, Paz e Meio Ambiente: quais diálogos?

O início deste novo milênio é marcado pela ampliação de temas e agendas internacionais voltados para problemáti-



cas que congregam interesses locais e globais, dentre as quais se inserem as questões ambientais e àquelas relativas à paz entre diferentes povos, culturas, nações, religiões e Estados (SOUSA SANTOS, 1995; NONAKA; TAKEUCHI, 1995).

É a partir desse cenário que a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) propôs no início deste novo milênio o “Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento”, estabelecido em 10 de novembro de 2001 e celebrado no Brasil a partir de 2005.

Essa data representa uma oportunidade para que se reflita sobre a função que a ciência desempenha na construção de um mundo melhor [...] O conceito Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento é uma bandeira da UNESCO com o fim de mostrar ao público em geral como e porque a ciência é relevante em suas vidas, de forma a conseguir engajá-los no debate sobre temas relacionados. (UNESCO, 2012, p.01-02).

No ano de 2001, um dos eixos centrais desse movimento são as relações entre Paz e Meio Ambiente. A maior parte das atividades, conceitos e práticas estabelecidos visam conciliações acerca da relação pessoa-ambiente. De acordo como programa

a UNESCO reafirma a cada ano seu advocacy em propagar o papel da ciência e dos pesquisadores para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis, e assegura que cidadãos sejam informados sobre os avanços científicos e, assim, estimulados a participar desta realidade (UNESCO, 2012).

No quadro abaixo, podemos observar que a maior parte das proposições da Unesco para a área da Paz estão atravessadas por questões ambientais, contribuições à sustentabilidade do planeta e interações entre pessoa e ambiente.



Quadro 1 – Propostas UNESCO

METAS PARA PAZ E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
	fortalecer a consciência pública do papel da ciência na promoção de sociedades sustentáveis e pacíficas;
	promover o intercâmbio nacional e internacional do conhecimento científico;
	renovar o compromisso nacional e internacional no uso da ciência em prol da sociedade;
	ênfatisar os desafios enfrentados pela ciência e fomentar o apoio à promoção do desenvolvimento científico.

Fonte: UNESCO (2012).

É baseada nesses princípios que a UNESCO tem proposto o conceito de “paz sustentável” que visa aliar desenvolvimento social e convivência pacífica. Nesta proposta, “O desenvolvimento não é sustentável se as sociedades não estiverem em paz consigo e com seus vizinhos, ou em equilíbrio com o planeta.” (BOKOVA, 2012, p.01).

A partir deste contexto, os conceitos de Paz e Meio Ambiente são propostos de maneira imbricada, pois o primeiro é compreendido como temática articuladora de ações de cooperação mundial, de diálogo entre nações, da construção de espaço para gestão dos conflitos e conciliação de novos paradigmas (JARES, 2002; LAFER, 2008). É também neste sentido que aponta a constituição da UNESCO ao pronunciar que “é na mente dos homens que devem ser construídas as defesas da paz.” (ONU, 2002). O segundo conceito é, por sua vez, concebido a partir da indissociabilidade homem-meio, no qual processos dialógicos entre natureza física, social, cultural e simbólica estão em constante dinâmica (SANTOS, 1994; BURSZTYN, 2001).

O diálogo de ideias entre paz e meio ambiente passa necessariamente pelo conceito de Relações Internacionais,

cujo papel está na circulação de saberes, na possibilidade de diálogos a partir de diferentes contextos. Neste sentido, *diálogos internacionais* são contatos estabelecidos entre nações, com a finalidade de troca de ideias, questões e contribuições; promovendo cooperação, articulação, debate e produção de conhecimentos acerca dos conflitos e oportunidades entre diferentes nações e blocos mundiais (RENOUVIN, 1994; SARAIVA, 2008).

Tal perspectiva enseja “superar o papel de uma história restrita aos dados oficiais e ampliar a cooperação internacional para o conjunto das interações humanas em diferentes países.” (NONATO JUNIOR; MATOS, 2011), avançando rumo à complexidade cultural, social, política, econômica e filosófica em que se inserem as nações contemporâneas (ALTEMANI e LESSA, 2008; DUROSELLE, 1981).

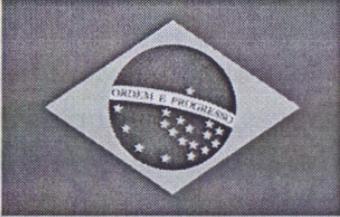
As experiências que analisamos corroboram exatamente com tais princípios, pois são iniciativas internacionais de diálogo entre três países, com objetivo de pensar caminhos comuns para as questões mundiais na fronteira entre a Paz e o Meio Ambiente. As experiências contemporâneas de Brasil, França e Canadá demonstram ampla relevância das reflexões em torno das atuais problemáticas humano-ambientais em contextos multilaterais (FRANCE-FLASH, 2012; CONFINS, 2012; INTERFACE BRASIL-CANADA, 2012).

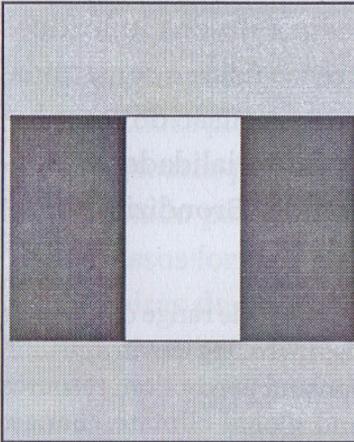
Brasil-França-Canadá: Quais Perspectivas?

A experiência dos painéis ocorreu a partir de uma síntese de ideias expostas pelos integrantes de cada país, ensejando demonstrar um panorama geral de suas percepções sobre questões a serem trabalhadas em seu país de origem para que

a ciência contribua mais efetivamente para o debate integrado sobre **paz e meio ambiente**. Na sequência, foi realizado um ateliê de debate, com a finalidade de analisar questões transversais às ideias apresentadas, suas diferenças e similaridades. A partir de tal discussão, percebemos que o debate dos grupos convergiu para eixos que tratavam sobretudo da interação pessoa-ambiente, da formação educacional, das políticas públicas, da internacionalização dos diálogos e da relação **paz-sustentabilidade**, conforme explicitado no quadro a seguir.

Quadro 2 — Perspectivas Multilaterais

	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar atividades de contato físico com a natureza em ambientes urbanos • Ampliar movimentos sociais ligados ao meio ambiente e à paz • Mobilizar os poderes locais para elaboração de políticas públicas que respaldem e possibilitem estratégias sustentáveis • Propor estudos críticos da paz em diálogo interdisciplinar com ciências ambientais e sociais • Criar redes de cooperação internacional • Construir novos paradigmas para ser e viver o meio ambiente
	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender ontologicamente o ser humano enquanto meio ambiente e oportunizar novos comportamentos • Pensar a universidade como espaço privilegiado de crítica ao desenvolvimentismo • Criticar todo conformismo oriundo em concepções equivocadas de paz que se baseiam na aceitação de realidades desumanas, exploradoras ou opressoras • Articular os organismos globais para elaboração de políticas internacionais de convivência humano-ambiental • Consolidar parcerias que articulem espaços globais e locais



- Integrar estudos físicos e humanos sobre o meio ambiente nas universidades e na educação básica
- Incentivar comportamentos ambientais mais produtivos e menos predadores
- Discutir internacionalmente problemas comuns como mudanças climáticas, gestão da água e dos solos
- Rejeitar toda prática “pacificadora” que tem por objetivo a desmobilização social e pseudo-harmonização de realidades conflituosas
- Discutir os limites e oportunidades do desenvolvimento sustentável enquanto estratégia internacional para a paz

Fonte: pesquisa de campo.

Dentre as ideias elencadas percebemos que as *relações pessoa-ambiente* ocupam um espaço prioritário, conforme declarou uma das representantes do grupo canadense¹, “a única possibilidade de falar sobre meio ambiente é iniciar pela participação humana neste processo, pois é a interação das pessoas com seu espaço de convivência que transforma uma natureza em ambiente”. Neste sentido, um membro brasileiro declarou que

A primeira grande questão da ciência é pensar o mundo e este mundo somos nós, são aqueles que convivem conosco e também todo o espaço que habitamos. O dia da ciência pela paz tem que ser também um dia ambiental, pois não há paz sem conciliação entre pessoas e territórios.

De acordo com Kuhnen (2001, p.22) a atenção especial às interações pessoa-ambiente, significa que *o debate am-*

¹ Todos os depoimentos, ideias e tópicos de conteúdo que compõem as categorias analisadas foram expostos em língua francesa e a tradução para a língua portuguesa é de responsabilidade dos autores, cuja prioridade repousou sobre a preservação da máxima similaridade possível ao discurso original.

biental é tomado em função das pessoas e de sua mediação com outras culturas. Assim, o entendimento dos indivíduos se constitui em sua relação com a natureza física e construída, da sustentabilidade ambiental, e da compreensão do reconhecimento das pessoas, a partir de suas potencialidades e capacidades para agir no meio. Neste sentido, Brondízio (2009, p.02) salienta que

This area of research consists of a wide range of interests at various levels of analysis, including environmental values and religion; cognition and perception; resource management, land use, and global climate change; conservation initiatives and their impacts upon populations, with particularly strong work related to people and parks; human rights and environmental justice; gender, race, class, and ethnic identity in relation to the environment; and social processes related to globalization and consumerism.

Logo, há uma compreensão acerca da produção indissociada entre pensamento e ação, entre comportamento ambiental e sustentabilidade, entre políticas internacionais para meio ambiente e valorização humana; do entendimento de que consciência ambiental e prática ambiental devem se construir mutuamente (GÜNTHER, 2003; KUHNEN, 2001; PINHEIRO; GÜNTHER, 2008).

Outra temática presente na maior parte das proposições dos três países é a *Educação Ambiental*. Os grupos apontam que uma das metas fundamentais da Ciência pela Paz deve ser a promoção da transversalidade entre atores universitários, sociedade civil e poderes públicos. Neste sentido, são citados como indispensáveis os diálogos entre diferentes áreas acadêmicas naturais e humanas, a interdisciplinaridade e as redes de aprendizagem, troca e disseminação internacional de

conhecimentos. Matos (2009) salienta que os espaços acadêmicos têm como grande oportunidade pensar a paz enquanto elemento pedagógico das práticas com o meio ambiente. Logo, a Educação Ambiental é entendida como espaço de articulação teoria-prática, de fundamentação e de partilha. Isto foi salientado por uma entrevistada francesa ao declarar que “os processos formativos são a base para que aprendamos novas maneiras de nos relacionarmos com nosso espaço e para dialogarmos com outras culturas.”

Outra questão fundamental trata da *concepção ontológica* de meio ambiente, para a qual os discursos apontam a necessidade de integração entre físico/humano, espaço/sujeito, diálogo/estratégia. É neste sentido que os entrevistados destacam também a necessidade de oportunizar novos “comportamentos ambientais”, novas “práticas de relação com a natureza” e “outros paradigmas para ser e viver o meio ambiente”. É neste sentido que Leff (2001) destaca a necessidade de uma Epistemologia Ambiental ativa nas práticas cotidianas e Nonaka e Takeuchi (1995) destacam que as questões ambientais devem ser tomadas a partir de seus ativos intangíveis, ou seja, de sua dimensão gnosiológica e da disseminação/democratização dos conhecimentos tácitos e explícitos que representam. Aliado a estes pressupostos, devemos ainda considerar que as revoluções da tecnologia, da comunicação e da informação foram significativamente impulsionadoras à reestruturação dos conceitos e práticas contemporâneas sobre o uso e a produção do conhecimento ambiental (SOUZA SANTOS, 1995; NONAKA e TAKEUCHI, 2008).

Para além das diferenças culturais, todos os entrevistados ainda destacaram em comum a dimensão da *crítica e da mobilização política* diante das iniciativas de paz e susten-

tabilidade. Um dos participantes franceses destaca que “não podemos nos basear em um belo *folder* de propaganda de organismos internacionais para achar que as coisas estão indo no caminho certo. Todas estas políticas estão repletas de interesses econômicos dos seus propositores e se faz necessário que exerçamos um papel crítico.”

É também partindo destes pressupostos que foram apontados no quadro 2 “*Criticar todo conformismo oriundo em concepções equivocadas de paz*” do grupo canadense e “*Rejeitar toda prática ‘pacificadora’ que tem por objetivo a desmobilização social e a pseudo-harmonização*” do grupo francês. Paulo Freire também foi um dos pioneiros neste debate ao declarar que não acreditava em qualquer ideia de paz que levasse à aceitação social e à perda do senso crítico diante da realidade político-econômica e da autonomia intelectual (FREIRE, 1979). A própria UNESCO reconhece que “A paz não pode ser duradoura se bilhões de pessoas continuarem desprovidas de justiça social, econômica e ambiental.” (BOKOVA, 2012, p.01).

Como estratégia ao despertar da prática crítica, os sujeitos da pesquisa apontam como possíveis caminhos a mobilização de políticas públicas, a articulação de atores locais e a ampliação das redes da sociedade civil. Magnolli (2008, p.10) salienta que

A paz é uma conquista, fruto de esforços diplomáticos, é conciliação entre poderosos, é acordo entre iguais e desiguais [...] Essa é a verdadeira história da paz. Frágil, fugidia, mas possível.

Assim, as redes sociais contribuem para o fortalecimento democrático de práticas coletivas e do imaginário social, instaurando categorias mais amplas a respeito das ações humanas

e das problemáticas do mundo contemporâneo, mostrando novas respostas para antigas perguntas sobre o desenvolvimento social e as ações globais (SHERER-WARREN, 2005).

Uma última dimensão transversal às declarações dos estudantes dos três países refere-se aos *diálogos internacionais* e sua importância para as novas ações voltadas à paz e ao meio ambiente. Este aspecto foi colocado em evidência pelos três países, expresso por meio das proposições “Criar redes de cooperação internacional”, “Articular organismos globais para elaboração de políticas internacionais de convivência humano-ambiental” e “Discutir os limites e oportunidades do desenvolvimento sustentável enquanto estratégia internacional para a paz”, segundo dados do quadro 2.

Nesta perspectiva, o debate acerca das articulações internacionais foi apontado como primordial para que quaisquer dos países interventores pudessem avançar em ações voltadas à paz e à sustentabilidade. Neste sentido, uma participante brasileira salientou que

há uma urgência em ampliar diálogos como estes [da pesquisa], entre estudantes, docentes, pesquisadores. A Ciência é um fator-chave para que possamos pensar novos problemas e novas soluções em conjunto.

Um entrevistado canadense também enfatizou a necessidade de que

sejam otimizados os meios de cooperação já existentes, pois existem muitos acordos assinados entre Brasil, França e Canadá, o que nos falta é dar maior aplicabilidade, mais prática e menos discursos.

Efetivamente, a França e o Canadá se inserem no rol dos países com os quais o Brasil possui ampla cooperação científica. Junto às universidades francesas recai a histórica parceria

que gerou a fundação das primeiras universidades brasileiras, dos centros de pesquisa avançada e da formação de pós-graduação (LESSA, 2002). Com o Canadá se abrem novos universos voltados à tecnologia, às parcerias culturais interamericanas e às questões de segurança internacional (BERND, 2008; BRASIL/CANADA, 2008). Em sua maioria, as parcerias entre estes países possuem como uma de suas prioridades a construção de estratégias multilaterais acerca do meio ambiente.

A emergência de diálogos internacionais acerca das problemáticas ambientais não é recente, ela fica evidente em todos os encontros que consolidaram as discussões sobre sustentabilidade ao redor do globo, conforme expresso na Carta de Belgrado (1975) que dispõe sobre a *construção de debates multilaterais*, propondo “garantir que a população mundial tenha consciência do meio ambiente” e afirmando no 8º Princípio que pretende “fomentar o valor e a necessidade da cooperação local, nacional e internacional na resolução dos problemas ambientais”, bem como no 5º princípio que propõe “estudar todas as principais questões ambientais desde o ponto de vista mundial, atendendo as diferenças regionais.” (MMA, 2011). Neste mesmo sentido, as negociações da Conferência RIO 92 resultaram no documento intitulado Agenda 21 no qual são destacadas três questões importantes sobre a internacionalização do debate ambiental:

- Cooperação: fortalecendo a máxima de que a questão ambiental seja tomada como uma missão partilhada por toda a humanidade e executada a partir de processos democráticos e de colegiados participativos que estejam representados por diferentes instâncias da sociedade;

- **Globalização Positiva:** visando a mundialização de informações e conhecimentos acerca do meio ambiente sem que haja exploração de umas nações sobre as outras e evitando o etnocentrismo cultural;
- **Sustentabilidade:** legitimando o entendimento de que o desenvolvimento social somente poderia ser estabelecido a partir de um convívio ético entre os humanos e em sua interação com a natureza física. (MMA, 2011).

Ainda no sentido de propor uma internacionalização do debate ambiental, foi no congresso de Moscou que se desenvolveu a noção de “Estratégias Mundiais para o Meio Ambiente” tão citada pelos nossos entrevistados. A partir deste evento ficaram estabelecidas “estratégias internacionais de ações ambientais para a década de 1990.” Dentre estas estratégias destacam-se a necessidade de ampla cooperação internacional e regional; intercâmbio de informações para desenvolvimento de currículos voltados a questões ambientais em diferentes níveis educacionais; incentivar iniciativas locais e mobilizá-las em escala mundial (BURSZTYN, 2001).

Assim, o século XXI se revela como momento da crise ambiental, mas também como período das soluções que podem ser pensadas em conjunto. Trata-se da era de escassez dos recursos naturais, mas também da construção de novos paradigmas para relação homem-natureza. Foi neste sentido que os entrevistados declaram que “é tempo de pensar coletivamente problemas que já são historicamente do interesse de todos”, “devemos criar mais espaços de diálogo, pois o conhecimento científico poderá ser um importante aliado às novas formas de relação entre países, pessoas e recursos” e “as diferenças culturais e geográficas devem ser aproximadas por

uma cooperação que se interesse em articular problemáticas locais e globais”.

Em suma, percebemos que os diálogos entre Brasil, França e Canadá apontam para a importância de aproximação entre diferentes nações para a construção de novas estratégias ambientais e para a promoção de paradigmas inovadores acerca das relações pessoa-ambiente, paz-sustentabilidade e local-global (BRASIL/CANADÁ, 2012; BRASIL/FRANÇA, 2012). A produção científica que já existe no cenário bilateral e multilateral entre estas nações legitima que os estudos humano-ambientais ocupam um espaço importante e que a cooperação é um possível caminho para observar os limites e as potencialidades científicas entre estes diferentes e importantes atores internacionais (ABECAN, 2012; AFEC, 2012; COMUNIDADE-FB, 2012).

Referências

ABECAN. Associação Brasileira de Estudos Canadenses. Disponível em: <http://www.abecan.org.br/>. Acesso em: set. 2012.

AFEC. Association Française d'Études Canadiennes. Disponível em: <http://www.afec33.asso.fr/>. Acesso em: set. 2012.

ALTEMANI, Henrique; LESSA, Antonio Carlos. *Relações internacionais do Brasil: temas e agendas*, v. 1. São Paulo: Saraiva, 2006.

BOKOVA, Irina. *Mensagem para o dia internacional da Paz*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. UNESCO, 2012. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/message_from_irina_bokova



BERND, Zila. *Brasil/Canadá — imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <http://www.revistabecan.com.br/arquivos/1233918769.pdf>

BRASIL/CANADÁ. *Acordo bilateral entre o governo do Canadá e a república federativa do Brasil sobre a cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação*. Brasília, 2008.

BRASIL/FRANÇA. *Acordo bilateral de cooperação técnica e científica entre França e Brasil*. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente/MMA/República Federativa do Brasil. *Legislação Ambiental*. Consultado em março 2011. Disponível em www.mma.gov.br

BRONDIZIO, Eduardo. Environmental Anthropology. In: _____. *Encyclopedia of life support systems*. Paris: UNESCO, 2009.

BURSZTYN, Marcel. *Ciência, ética e sustentabilidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

CONFINS. *Revista Franco-Brasileira de Geografia*. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <http://confins.revues.org/>

COMUNIDADEFB. *Comunidade França-Brasil — portal eletrônico*. Consultado em março 2012. Disponível em: www.comunidadefb.org.br

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Tout empire perirá — une vision theorique des relations internationals*. Paris: Sorbonne, 1981.

ETUDES CANADIENNES. *Revue pluridisciplinaire de l'Association Française d'Études Canadiennes*. Paris: AFEC, 2012. Disponível em : <http://www.afec33.asso.fr/revue>

FREIRE, Paulo. *A educação e processo de mudança social*. In: Educação e mudança. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

FRANÇA-FLASH. *Revista da cooperação franco-brasileira*. São Paulo: CENDOTEC, 2012. Disponível em: http://www.comunidadefb.com.br/web/index_boletinsbi.php

GÜNTHER, Hartmut. A Psicologia Ambiental no Campo Interdisciplinar de Conhecimento. *Revista de Psicologia*, Universidade de São Paulo-USP, 2005, v. 16, n. 1/2, p.179-183.

INTERFACES BRASIL-CANADÁ. *Revista da Associação Brasileira de Estudos Canadenses*. Niterói: UFF, 2012. Disponível em: <http://www.revistabecan.com.br/>

JARÉS, Xésus R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.

KUHNEN, Ariane. *Sociedade e meio ambiente — criação de sentido na interação entre a pessoa e seus espaços de vida*. Olam Ciência e Tecnologia, Rio Claro, v. 1, p.62-76. 2001.

LAFER, Celso. Declaração Universal dos Direitos Humanos. In: MAGNOLLI, Demétrio. *História da paz*. São Paulo: Contexto, 2008.

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.

LESSA, Antonio Carlos. Ciência e Tecnologia nas Relações Brasil-França. In: ANUÁRIO BRASIL-EUROPA 2001: relações de cooperação em ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer, 2002. p.103-113.

MAGNOLLI, Demétrio. *História da Paz*. São Paulo: Contexto, 2008.



- MATOS, Kelma Socorro Lopes; VIEIRA, Sofia L. *Pesquisa educacional — o prazer de conhecer*. Fortaleza: EdUFC, 2002.
- MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Educação Ambiental e sustentabilidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- NONAKA, I. TAKEUCHI, H. *The Knowledge-Creating Company*. Oxford: OUP, 1995.
- NONATO JUNIOR, R. MATOS, Kelma S. A. L. As relações internacionais e a temática da paz. In: MATOS, K. S. A. L. *Cultura de paz, ética e espiritualidade II*. Fortaleza: UFC, 2011. (Coleção Diálogos Intempestivos, n. 112)
- ONU. Constituição da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Londres: ONU, 2002.
- PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut. *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- SARAIVA, José Flávio Sombra (Org.). *História das relações internacionais contemporâneas — da sociedade internacional do século XIX à era da globalização*. São Paulo: Saraiva, 2008.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. *A construção multicultural da igualdade e da diferença*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- UNESCO. *Ciência pela paz e pelo desenvolvimento*. Disponível em: http://eventos.unesco.org.br/diadaciencia/index.php?option=com_content&view=article&id=27